

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS SOBRE A NATUREZA DAS PLANTAS MEDICINAIS INTERPRETADOS PELA ARTE DO BRINCAR

TRADITIONAL KNOWLEDGE ABOUT THE NATURE OF MEDICINAL PLANTS INTERPRETED BY THE ART OF PLAY

Marcella Gomez Pereira¹
Andréia Fonseca Silva²
Tânia Maria de Almeida Alves³

RESUMO: No contexto atual, a violência, a falta de espaços verdes e o excesso de telas, tem contribuído para distanciar as crianças de brincadeiras com a terra e em espaços naturais. Em áreas rurais, como em assentamentos de reforma agrária, o avanço da internet possibilitou a imersão das crianças no mundo digital. Pensando em conectar saberes, infância e tradições, organizou-se um encontro entre três pioneiros do Assentamento Frei Vantuy e 16 crianças entre seis e 12 anos de idade por meio de uma oficina de desenho criativo, utilizando a abordagem triangular, e a teoria do multiletramento. Durante as duas horas e trinta minutos de realização da oficina, o uso das plantas medicinais no autocuidado foi destaque durante a apresentação e participação dos menores, enquanto os mais velhos enumeraram os benefícios e a necessidade de manter o autocuidado e a auto atenção por meio do uso desse recurso, objetivando manter a saúde de si e dos seus.

1

Palavras-chave: Autocuidado. Crianças. Mata Atlântica. Tradição.

ABSTRACT: In the current context, violence, lack of green spaces and excessive screens have contributed to distancing children from playing with the land and in natural areas. In rural areas, such as agrarian reform settlements, the advance of the Internet has allowed children to immerse themselves in the digital world. Thinking about connecting knowledge, childhood and traditions, a meeting was organized between three pioneers of the Frei Vantuy Settlement and children from six to 12 years old through a creative drawing workshop, using the triangular approach. During the workshop, the use of medicinal plants in self-care was highlighted during the presentation and participation of minors, while the elders listed the benefits and the need to maintain self-care and self-care through the use of this resource, With the aim of maintaining your health and yours.

Keywords: Atlantic Forest. Children. Self-care. Tradition.

¹Pesquisadora Pós-doutorado Júnior da Fundação Oswaldo Cruz. Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade – UESB, Instituto René Rachou/Fiocruz Minas - Fundação Oswaldo Cruz.

²Mestre em Botânica na Universidade Federal de Viçosa, Pesquisadora (Técnica de Nível Superior II) da Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) e curadora do Herbário PAMG/EPAMIG.

³Supervisora Pós-doutorado Júnior Fundação Oswaldo Cruz. Doutorado em química – UFMG, Instituto René Rachou/ Fiocruz Minas - Fundação Oswaldo Cruz.

INTRODUÇÃO

No contexto contemporâneo, transformações sociotécnicas vêm impactando profundamente as experiências da infância, especialmente no que se refere às formas de brincar, aprender e se relacionar com o ambiente natural. A ampliação do acesso à internet, associada à crescente presença de plataformas digitais de entretenimento (como TikTok e YouTube), tem contribuído para a intensificação de práticas mediadas por telas (Souza et al., 2023), em detrimento de experiências corporais e interações em ambientes naturais. Ainda que esse fenômeno seja amplamente discutido no contexto urbano, observa-se que ele também se manifesta em áreas rurais, incluindo assentamentos de reforma agrária, onde o acesso às tecnologias digitais vem redefinindo os modos de ser e estar das crianças.

No Território de Identidade Litoral Sul da Bahia, particularmente em comunidades e assentamentos rurais, essa transformação ocorre em um cenário marcado por rearranjos familiares e produtivos. Com a migração de parte da população economicamente ativa para atividades urbanas, avós e avôs permanecem nos territórios como cuidadores e guardiões de modos de vida e saberes construídos ao longo de trajetórias marcadas por conflitos, resistências e adaptações. Nesse contexto, as crianças, embora inseridas em ambientes de significativa riqueza socioambiental, passam a vivenciar rotinas que incluem menor interação com o meio natural e maior exposição a dispositivos eletrônicos.

Essa configuração evidencia uma tensão entre, de um lado, a permanência de saberes tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais, às práticas agrícolas e às dinâmicas comunitárias, e, de outro, o progressivo desinteresse das novas gerações por esses conhecimentos. Tal tensão é expressa pelos próprios sujeitos do território, que percebem o risco de descontinuidade desses saberes diante da dificuldade de comunicação intergeracional em um contexto de concorrência com o entretenimento digital.

Embora existam contribuições relevantes sobre infância, educação do campo e transmissão de saberes tradicionais (Conte et al., 2017; Germani, 2020; Leite, 2020; Pereira Borba, 2025), observa-se uma lacuna na compreensão de como práticas lúdicas podem mediar processos de ensino-aprendizado, sendo capazes de promover o engajamento de crianças com conhecimentos tradicionais em contextos contemporâneos marcados pela digitalização da vida cotidiana. Quando se relaciona as potencialidades do brincar como linguagem, forma de

expressão simbólica e dispositivo pedagógico na articulação entre experiência, memória e aprendizado significativo, percebe-se que este não faz parte do debate permanente sobre construção dos saberes.

É nesse sentido que o presente estudo se insere, ao investigar de que modo a prática do desenho criativo como atividade lúdica de expressão simbólica pode favorecer a interação entre diferentes gerações, e contribuir para a valorização e ressignificação de saberes tradicionais em contexto rural. Assim, o problema de pesquisa que orienta este trabalho refere-se a como o brincar, mediado por atividades de expressão artística, pode atuar como estratégia de ensino-aprendizado na transmissão intergeracional de conhecimentos tradicionais sobre plantas medicinais em assentamentos de reforma agrária?

A partir dessa problemática, no âmbito do projeto de pós-doutorado pelo Centro de Pesquisa René Rachou, Fiocruz-Minas, “Políticas Públicas em Saúde: farmácias vivas e a saúde coletiva em assentamentos de reforma agrária”, desenvolveu-se uma atividade de desenho criativo no Assentamento Frei Vantuy, localizado em Ilhéus-BA. A iniciativa consistiu na organização de uma oficina de desenho que reuniu três pioneiros do assentamento e 16 crianças entre seis a 12 anos, com o objetivo de promover o diálogo entre gerações e explorar, por meio do fazer artístico, as percepções das crianças sobre o uso de plantas medicinais e o conhecimento tradicional associado ao autocuidado. Essa estratégia foi concebida não apenas como ação extensionista, mas como dispositivo metodológico para compreender as potencialidades do brincar no processo educativo e na mediação de saberes no contexto investigado.

3

MÉTODO

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza interpretativa, orientada pela compreensão das relações entre práticas lúdicas, processos de ensino-aprendizado e transmissão de saberes tradicionais em contexto rural. A abordagem qualitativa justifica-se pelo interesse em analisar sentidos, percepções e representações construídas pelos participantes no decorrer da experiência investigativa. Desenvolvida no Assentamento de Reforma Agrária Frei Vantuy, município de Ilhéus-BA, a pesquisa contou com a participação de dois grupos: (i) 03 adultos com idades entre 50 e 60 anos, reconhecidos como detentores de conhecimentos

tradicionais relacionados ao uso de plantas medicinais e da história do assentamento, e (ii) 16 crianças com idades entre 6 e 12 anos, residentes no mesmo território.

Utilizando como método de registro a gravação por áudio/imagem em aparelho celular, e como técnica para produzir os dados a realização de uma oficina de desenho criativo, concebida simultaneamente como prática pedagógica e dispositivo metodológico, a oficina, que totalizou duas horas e 30 minutos, foi dividida entre falas dos adultos (30 minutos), falas das mediadoras (30 minutos), desenhos (1 hora) e exposição (30 minutos). Estruturada com base na Abordagem Triangular proposta por Barbosa (2014), que articula três eixos fundamentais: contextualização, fazer artístico e leitura de imagem, compreendidos de forma integrada e não linear, teve em Rojo e Moura (2012) a base para interpretação dos dados baseados em seu conceito de multiletramento.

No eixo da contextualização, os participantes mais velhos compartilharam narrativas sobre o processo de formação do assentamento, suas trajetórias de vida, bem como conhecimentos associados às plantas medicinais e às práticas de autocuidado. Essas narrativas constituíram o ponto de partida para a atividade, promovendo o contato das crianças com elementos históricos, culturais e simbólicos do território.

No eixo do fazer artístico, as crianças foram convidadas a produzir desenhos representando plantas medicinais presentes em seu cotidiano, considerando experiências vividas em seus lares e em interação com familiares e comunidade. Foram disponibilizados papel A4 branco, lápis de cor, lápis de cera, hidrocores, lápis para desenho e borracha. Os desenhos, unidades de análise, foram compreendidos como produções culturais e expressivas, que revelaram modos de percepção, apropriação e ressignificação dos saberes apresentados pelos assentados.

No eixo da leitura de imagem, procedeu-se à exploração dos significados presentes nas produções das crianças, considerando tanto os elementos visuais quanto as narrativas associadas aos desenhos. Para isso, durante e após a atividade por meio da exposição dos desenhos, foram realizadas interações dialógicas com os participantes, permitindo que explicitassem os sentidos atribuídos às suas produções e às experiências vivenciadas durante a oficina.

Nesse sentido, a análise dos desenhos pela teoria do multiletramento, permitiu que a produção e interpretação dos sentidos relacionados aos desenhos não se restringisse à linguagem

verbal. Sabendo que crianças do campo vivem em contextos de transmissão oral com forte aprendizado pela experiência e com saberes corporais e práticos presentes, verifica-se que parte de seu repertório não está organizado em forma escolar escrita. Logo, a leitura das imagens, neste estudo, pode ser compreendida como prática de letramento ampliado, na qual as crianças interpretam, narram e atribuem sentidos às suas produções visuais, mobilizando repertórios culturais, experiências corporais e conhecimentos tradicionais sobre o cuidado com a saúde.

Sendo está uma pesquisa que envolve a participação de seres humanos, a mesma seguiu os princípios éticos estabelecidos para estudos com seres humanos conforme as diretrizes do Comitê de Ética em Pesquisa. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Centro de Pesquisa René Rachou da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-Minas), sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) nº 84094424.8.0000.5091. Todos os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa, garantindo-se o respeito aos aspectos ético, incluindo consentimento e confidencialidade. Foram assinados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE),

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O BRINCAR COMO MEIO DE APRENDIZADO SOBRE AS TRADIÇÕES

Segundo Nascimento e Mendonça (2025), o brincar para além de sua dimensão intelectual, possui também um caráter simbólico e cultural. Isso porque através das brincadeiras, a criança recria situações do cotidiano, assume diferentes papéis sociais e incorpora valores do meio em que está inserida, tornando o aprendizado mais contextualizado e significativo. Para Kishimoto (2011), as práticas lúdicas desempenham um papel essencial na construção do raciocínio lógico, na ampliação da comunicação oral e na sua socialização e, portanto, devem ser compreendidas como estratégias pedagógicas planejadas e não meramente como momentos recreativos.

Na infância do campo, o conhecimento não é primariamente abstrato ou escolarizado, mas produzido na experiência, no fazer e na relação com o território, conectando aprendizagens práticas e saberes tradicionais. Delgado et al. (2026) afirmam que o brincar destaca-se como uma relevante estratégia pedagógica, a qual é capaz de contribuir para o desenvolvimento

cognitivo das crianças, possibilitando a criação de ambientes de aprendizagem mais estimulantes e motivadores, nos quais a criança participa ativamente do processo educativo. Não obstante, a perspectiva do desenvolvimento cognitivo de Piaget (1978), destaca que o brincar possibilita a assimilação de novas experiências e a acomodação de estruturas mentais, elementos fundamentais no processo de aprendizagem.

Como prática epistemológica, o brincar é compreendido como meio pelo qual a criança experimenta, simula, reorganiza e atribui sentidos à realidade vivida. Santos e Cruz (2019), afirmaram que o brincar possibilita aprendizagens mais duradouras, pois desperta a curiosidade e promove a construção ativa do conhecimento. Assim, a prática “ontem e hoje, quem planta come e a planta cura”, surgiu devido a apreensão que os participantes da pesquisa “Políticas Públicas em Saúde: farmácias vivas e a saúde coletiva em assentamentos de reforma agrária” manifestaram em suas narrativas quanto à transmissibilidade de suas histórias, memórias e conhecimentos sobre o uso de plantas medicinais no autocuidado.

Ao representar pelo desenho práticas relacionadas ao uso de plantas medicinais no cuidado com o corpo, as crianças não apenas ilustraram experiências, elas organizaram visualmente um sistema de conhecimentos sobre saúde, permitindo o acesso as suas concepções de doença e cura, as práticas de cuidado transmitidas intergeracionalmente e as relações entre corpo, natureza e território. Para Silva et al. (2008), o autocuidado pode ser definido como ações praticadas pelo indivíduo, por uma família, grupo ou comunidade com o intuito de preservar e melhorar a saúde individual e/ou do coletivo.

Contatore, Tesser e Barros (2021), detalham que o autocuidado é o intenso apelo para a adoção dos chamados estilos de vida saudáveis, cada vez mais importantes com o aumento da longevidade, podendo ele ser valorizado nas medicinas tradicionais. Castro (2022), afirmou que alguns sistemas culturais desenvolveram formas de diagnosticar, tratar e cuidar da saúde com plantas medicinais, tal como as Medicina Tradicional Chinesa e Indiana. Desse modo, o autocuidado se relaciona com conhecimentos e práticas socialmente construídas que potencializam a capacidade pessoal de atender às necessidades próprias de saúde, e que geralmente são concretizados por práticas que circulam nos ambientes e grupos sociais em que as pessoas crescem e vivem, sendo aprendidos ao longo da vida (Contatore; Tesser; Barros, 2021).

O uso das plantas medicinais carrega símbolos e significados que envolvem o local de cultivo, o manejo das plantas e as formas de preparo dos remédios que são repletos de saberes e simbologias (Léda, 2019). O uso de plantas medicinais por assentados da reforma agrária no autocuidado e na autoatenção à saúde, apresenta a forte influência que a trajetória da família e/ou comunidade construiu vide aspectos relacionados a ocupação territorial, com danos ambientais e com os saberes e as práticas que suscitam respeito à biodiversidade, desse modo, ao desenhar, as crianças não se limitam a reproduzir, elas reinterpretem o conhecimento tradicional transmitido por seus familiares, combinando experiências pessoais, referências contemporâneas e elementos da cultura local.

Enquanto o desenho representa a imaginação ancorada na experiência, a autoatenção segue como o ato do próprio indivíduo ou família buscar formas de cuidado em saúde, utilizando recursos culturais, saberes tradicionais e práticos, capazes de lidar com o adoecimento e promover o bem-estar por meio da consciência, com o foco de cada sujeito em seus próprios estados de saúde e necessidades (Mendieta et al., 2017). Logo, “os saberes populares sobre plantas medicinais podem ser entendidos como sistemas culturais que possibilitam as práticas de cuidado” (Badke, 2017, p. 86)

A oficina possibilitou às crianças apresentarem seu conhecimento como construção prática de sua relação com o território, do mesmo modo que o brincar, enquanto forma de ação e experimentação simbólica, constituiu um modo privilegiado de elaboração dessas experiências, e o desenho criativo como linguagem por meio da qual essas vivências puderam ser externalizadas. Destaca-se que um sujeito ativo e com conhecimentos intergeracionais, pode trazer uma perspectiva mais voltada para a auto atenção e outras para o autocuidado, demonstrando a importância em conciliar diferentes abordagens de cuidado (Castro, 2022).

DESENHOS: PRÁTICA, MEMÓRIAS E EXPRESSÕES DO BRINCAR

Nesta investigação, o ato de brincar é compreendido não apenas como manifestação espontânea da infância, mas como uma técnica culturalmente situada e epistemicamente produtiva, mobilizada de forma intencional no interior da proposta metodológica. Em diálogo com Brougère (1998), entende-se que o brincar constitui uma prática social aprendida, regulada por contextos e significados compartilhados, e não um comportamento natural desprovido de

estrutura. Assim, o brincar é incorporado aqui como um modo organizado de ação, capaz de mediar relações entre sujeitos, memórias e saberes.

Paralelamente, ancorando-se em Vygotsky (2007), o brincar é concebido como um espaço privilegiado de mediação simbólica, no qual a criança opera com significados, internaliza experiências e produz novas formas de compreender o mundo. O desenho nesse contexto, assume o estatuto de instrumento mediador, organizando o pensamento e possibilitando a externalização das experiências vividas. Ao desenhar brincando, a criança não apenas representa a realidade, mas a reelabora simbolicamente, mobilizando linguagem, memória e imaginação em um processo ativo de construção do conhecimento.

Ao adotar o desenho como prática central da oficina, estabeleceu-se uma articulação entre o fazer artístico e o brincar enquanto técnica expressiva, cognitiva e investigativa. O desenho operou como um dispositivo metodológico estruturante, que orientou a observação, sustentou a interação e viabilizou a produção de narrativas visuais relacionadas às vivências com a natureza e com os saberes tradicionais sobre plantas medicinais. Desse modo, o brincar, o desenho criativo e a aprendizagem prática constituíram dimensões interdependentes na produção de conhecimentos pelas crianças do campo.

8

O brincar deixa de ser compreendido como mera expressão lúdica para assumir a condição de modo de produção de conhecimento, articulado aos processos simbólicos descritos por Vygotsky e às dimensões culturais do jogo destacadas por Brougère. Enquanto técnica, o brincar organiza a experiência investigativa, delimita um campo de significação e possibilita o acesso a conteúdos que não emergiriam por meio de abordagens exclusivamente discursivas (Pereira, Santos, 2025), assim, o gesto lúdico, estruturado tecnicamente, transformou-se em linguagem, permitindo acessar dimensões simbólicas, afetivas e cognitivas desses saberes, conforme proposto pela teoria histórico-cultural.

A atividade de desenhar mediada pelo brincar constitui um espaço de articulação entre memória e experiência. As crianças, ao brincarem desenhando, registram elementos do cotidiano, e reconstroem relações intergeracionais, especialmente aquelas vinculadas à transmissão de conhecimentos tradicionais no contexto do campo. Dessa forma, estabeleceu-se uma relação indissociável entre atividade (o desenho como prática metodológica) e ato (o brincar como técnica cultural e epistemologicamente orientada), onde o conhecimento

produzido emerge não apenas do conteúdo representado, mas das condições simbólicas, sociais e técnicas que organizam a ação de brincar, que neste trabalho, assume o papel de operador central na construção do conhecimento.

Essa compreensão adquire maior densidade quando contrastada com o modelo de “emparedamento da infância” descrito por Tiriba (2018), que evidencia como as condições contemporâneas de vida, atravessadas pelas exigências do sistema produtivo capitalista, tendem a submeter as crianças a processos de disciplinamento corporal, confinando-as majoritariamente a espaços internos e restringindo suas possibilidades de exploração do mundo, sobretudo em contato com elementos naturais como água, terra e vegetação. Esse processo, embora historicamente associado aos contextos urbanos, vem progressivamente se insinuando também nas populações do campo, alterando práticas culturais e modos de viver a infância.

É diante desse tensionamento que a oficina de desenho criativo se inscreveu. Ao mobilizar o brincar como técnica e o desenho como prática metodológica, a proposta configurou-se como uma ação de resistência e transgressão a essa lógica de contenção da infância. Mais do que uma atividade lúdica, a oficina constitui um espaço de reabertura simbólica e prática para que as crianças pudessem experienciar formas outras de relação com o ambiente, com o corpo e com o conhecimento.

9

Ao promover o brincar como prática situada, relacional e produtora de sentidos, a investigação não apenas acessou saberes, mas também reafirmou e reativou modos de existência e aprendizagem que se contrapõem ao emparedamento. A produção de conhecimento nesse contexto, está intrinsecamente vinculada à possibilidade de brincar, isto é, de agir sobre o mundo de forma criativa, compartilhada e culturalmente enraizada. Nessa direção, a oficina dialoga com os princípios da Educação do Campo, conforme discutidos por Arroyo (2004) e Caldart (2009, 2004), que reconhecem as crianças como sujeitos de saber ao valorizar seus territórios, suas experiências e suas formas próprias de produzir conhecimento.

Segundo Becker Júnior e Kobs (2021), em cada desenho produzido por uma criança, sujeito datado histórica e culturalmente, há muito a ser visto e percebido, pois em cada construção estão transbordando sinais, indícios ou pistas que olhos adultos desaprenderam a ver. Os autores destacam que cada desenho carrega marcas históricas e culturais, funcionando como um campo de indícios e pistas que escapam frequentemente ao olhar adulto. Essa

perspectiva desloca o desenho do estatuto de ilustração para o de texto visual complexo, cuja leitura exige um movimento de desaprendizagem por parte do pesquisador, de modo a reconhecer nas produções infantis formas legítimas de pensamento.

Ao articular a compreensão das potencialidades do desenho como unidade de análise e o brincar enquanto processo com a realidade das crianças do campo, torna-se evidente que os desenhos não apenas expressam vivências, mas operam como processos de ressignificação dos saberes tradicionais, especialmente aqueles relacionados ao cuidado com a saúde. Produzidos em um ambiente de interação intergeracional, os desenhos incorporam narrativas herdadas, práticas observadas e experiências corporais, sendo reorganizados pelas crianças por meio da imaginação e do brincar.

Nesse sentido, o ato de desenhar se insere no campo do multiletramento, ao mobilizar a linguagem visual como forma de produção e interpretação de conhecimento. A leitura das imagens, realizada de maneira dialógica, permite acessar não apenas o conteúdo representado, mas os modos pelos quais as crianças atribuem sentido às práticas de cuidado, evidenciando relações entre corpo, natureza e território.

Assim, o brincar, o desenho criativo e a escuta intergeracional constituem dimensões interdependentes de um processo epistemológico, no qual o conhecimento não é simplesmente transmitido, mas continuamente recriado. Os desenhos, nesse contexto, tornam-se dispositivos analíticos privilegiados para compreender como as crianças do campo aprendem na prática, interpretam saberes herdados e produzem novas formas de significar o cuidado com a vida.

Corroborando o fato de que estas crianças são sujeitos datados e cuja construção cultural carrega simbologias coletivas, o primeiro ato de nossos jovens participantes foi a retirada dos calçados antes de adentrar o espaço no qual a atividade seria realizar. Essa atitude também foi observada entre alguns dos adultos, em especial entre os participantes mais velhos, que também retiraram seus calçados (Figura 1) antes de entrar na sala limpa e organizada anteriormente para a realização da oficina.

Figura 1: Registro da entrada da sala na qual foi realizada a oficina de desenho criativo.



Fotografia: Autora 1, 2025

Considerado um ato de cuidado e zelo, essa prática remonta a tempos pretéritos, onde os trabalhadores deixavam seus calçados sujos pela atividade diária na roça de cacau na soleira da porta como ato de respeito ao empenho das irmãs, mães e avós na limpeza da casa. Em contrapartida, conforme Martins Filho (2008), a socialização com os Outros, neste caso os mais velhos do Assentamento, permite as crianças descobrirem suas próprias especificidades, como também as especificidades dos que com elas convivem, permitindo-lhes produzir uma contínua relação social com esses adultos que as cercam em contextos sociais que vão se interpondo ao longo do tempo.

Ao retirar os calçados, os jovens expressam uma identidade coletiva de respeito ao ambiente e ao trabalho de outros sujeitos. Essa representação, construída pelas memórias e eternizada pelo ato, é uma expressão da socialização que ocorre dentro do Assentamento, e demonstra que essas crianças e jovens mesmo não vivendo a história do cacau, carregam em suas atitudes e gestões um pedaço do que foi vivido por seus avós ao longo de suas trajetórias de vida, atribuindo significado a um contexto cheio de significância sociocultural e espacial.

Recepcionadas por assentados e pela equipe de pesquisa (Fiocruz-Minas e EPAMIG⁴), as crianças escolheram os lugares para se acomodarem. Cada um dos adultos se apresentou às

⁴ Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais.

crianças, e em seguida os assentados deram início à narrativa acerca da história do Assentamento. Contaram sobre o Frei Vantuy, figura que muito contribuiu para a luta dos movimentos sociais no Sul da Bahia, sobre os conflitos pela posse do território e o processo pelo qual passaram para formalizar o Assentamento (Figura 2).

Figura 2. Da esquerda para a direita: Sr. Josadab, Sra. Renildes e Sra. Rosete.



Fotografia: Autora 1

O conhecimento tradicional mobilizado de forma específica, evita sobreposições terminológicas com expressões como “saber popular”, “medicina tradicional” ou “práticas socialmente construídas”, frequentemente utilizadas como equivalentes, mas que não são sinônimos estritos. Durante as narrativas, algumas crianças fizeram questionamentos, interagiram e prestaram atenção a cada palavra daqueles que conquistaram um importante espaço para moradia e trabalho dignos, e deram a uma fazenda devastada pela vassoura de bruxa⁵ uma nova função social.

Com a mediação da equipe Fiocruz-Minas e EPAMIG, iniciou-se a oficina de desenho criativo com uma explanação sobre as diferentes e diferenças entre as estruturas das plantas, e a importância das plantas medicinais para a saúde e seu uso no desenvolvimento de

⁵Doença fúngica que causa apodrecimento dos ramos do cacaueiro e subdesenvolvimento dos frutos, e que no final da década de 1980 devastou as plantações de cacau no Sul da Bahia, deixando improdutivas muitas grandes propriedades.

medicamentos. Para Vygotski e Luria (2007), a mediação integra a utilização simbólica dos signos e dos instrumentos incluídos no processo de interação colaborativa das pessoas, que neste caso foram representados pelas plantas medicinais e sua relação com a saúde e bem-estar daqueles que moram no assentamento (signos) e os materiais para realizar a oficina (instrumentos).

Sendo o conhecimento tradicional um conjunto de saberes, práticas e modos de fazer historicamente constituídos e transmitidos intergeracionalmente, o presente estudo refere-se, sobretudo, aos saberes associados ao uso de plantas medicinais no contexto do campo, os quais são produzidos, preservados e transformados nas relações entre gerações, especialmente entre idosos e crianças. Tais saberes não constituem apenas um repertório técnico de uso de recursos naturais, mas integram sistemas mais amplos de significação, envolvendo memória, experiência, vínculo com o território e modos de cuidado.

Ao serem distribuídos os materiais de desenho, pediu-se às crianças para desenharem a natureza que as envolve no assentamento, e as plantas medicinais que identificavam nesse local de pertencimento: as que já conheciam, e as que já tivessem utilizado (Figura 3). Considerando que a criança em contato com a arte favorece o seu desenvolvimento expressivo, destaca-se a importância desse tipo de atividade no que diz respeito a sua contribuição como apoio para a validação da identidade sociocultural desses meninos e meninas.

Figura 3: Oficina de desenho criativo no Assentamento Frei Vantuy, Ilhéus-BA.



Fotografia: Autora 1

O conhecimento tradicional compreendido como uma produção situada, inseparável das condições sociais, culturais e ecológicas nas quais se constitui (Diegues, 2000), dialoga com a perspectiva de Boaventura de Sousa Santos (2010) ao reconhecer o conhecimento tradicional como parte de uma ecologia de saberes, na qual diferentes formas de conhecimento coexistem, se tensionam e se complementam. Tal compreensão implica reconhecer esses saberes como epistemologicamente válidos e ativos, especialmente em contextos historicamente marginalizados.

O desenho aproveita uma forma de como a criança pode expressar-se espontaneamente satisfazendo a seus desejos de atividade lúdica (Weiss, 1994). Como instrumento de representação, ora silencioso ora concentrado ou ruidoso, individual ou coletivo que, seguido de comentários, risos, ponderações, troca-trocas, vai lentamente sendo transformado em uma gigantesca mapoteca: que fala, denuncia, expressa desejos, que conta sobre um cotidiano ainda desconhecido pelos adultos (Becker Júnior; Kobs, 2021), a prática de desenhar trouxe diferentes representações e aspectos sobre o ambiente e as plantas medicinais utilizadas por eles, seus pais e avós (Figura 4).

Figura 4: Prática de desenho durante oficina no Assentamento Frei Vantuy, Ilhéus-BA



Fotografia: Autora 1

Diferentemente do que se denomina genericamente como “saber popular”, o conhecimento tradicional implica uma dimensão coletiva, situada e contínua de transmissão,

não se reduzindo a conhecimentos difusos ou práticas descontextualizadas. Conforme destacam Toledo e Barrera-Bassols (2009), tais saberes constituem sistemas complexos de conhecimento ecológico local, nos quais práticas, experiências e visões de mundo se articulam, configurando formas próprias de compreender e interagir com o ambiente.

Segundo Teixeira e Moreira (2019), a atividade do brincar passou a ser identificada como oposição ao universo dos adultos, até então marcado pelo trabalho; nesse sentido, o brincar passou a ser considerado como atividade menor, não séria e imatura, entendida como mero passatempo. Mas, o momento lúdico proporcionado através do brincar de desenhar transcendeu expectativas, e trouxe para o espaço adolescentes e adultos, que se entregaram a atividade e desenharam junto com as crianças, deixando impresso no papel suas perspectivas acerca das histórias que ouviram, assim como de sua própria identidade coletiva (Figura 5).

Figura 5: Adolescente assentada que participou da oficina de desenho criativo



Fotografia: Autora 1

Ao reativar por meio do brincar condições de produção de conhecimento enraizadas na experiência, na coletividade e na relação com o território, a proposta dialoga com os princípios da Educação do Campo de Arroyo (2004) e Caldart (2009, 2004), que as reconhecem sujeitos de saber. Hortélio (2018) afirma que “a substância do brincar é a alegria, e a natureza é seu território primordial”, nesse sentido, para elas, o brincar nasce no corpo e o corpo é natureza. Para os adolescentes que se permitiram envolver pela atividade, a maior expressão sociocultural do Assentamento e de suas próprias identidades, é o cacau, fruta que impulsionou o crescimento

econômico, político e cultural da cidade de Ilhéus, mas que também provocou seu depauperamento.

A participação desses jovens indicou o interesse em momentos que lhes permitam expressar suas habilidades, revelou o interesse destes nas histórias do lugar ao qual pertencem, e possibilitou a manifestação de como eles veem e percebem o contexto a sua volta por meio a uma atividade que envolveu perspectivas científicas, unidade de pertencimento e significância de ser assentado. De acordo com Trinchão (2019, p.1):

O desenho é um campo de conhecimento prático, à medida que ele se apresenta como conhecimento empírico, aquele que diz respeito à construção e utilização como linguagem adquirida pela interação e observação do indivíduo com o mundo, experiência, vivência. Enquanto conhecimento teórico, depois de apreendido e cientificizado, quando o conhecimento adquirido pela experiência passa a ser admitido pela escola e pela ciência, o desenho se transforma em saber científico, quando então, suas funções, propósitos e fundamentos são comprovados e utilizados pela Ciência.

O brincar de desenhar também envolveu os participantes mais velhos, que mesmo apresentando timidez e algumas incertezas, se permitiram incluir nesse momento lúdico. Esse ato contribuiu para que as crianças e os jovens participassem de maneira integral e dedicada, apresentassem suas habilidades artísticas e melhor se aproximassem da história de seus antecessores. Além de estimular a criatividade, expressão de emoções e promover o relaxamento, o ato de desenhar é um exercício de alteridade (Montagna, 2010).

16

Em seu livro “A última criança na natureza”, Louv (2016) reflete sobre os impactos negativos da falta de tempo ao ar livre e como a ausência de contato com a natureza podem causar Transtorno do Déficit de Natureza (TDN). Ele descreveu como a natureza estimula a imaginação e a criatividade, habilidades cruciais que tem sido limitadas pelo fato das crianças passarem cada vez mais tempo em ambientes fechados ou em frente a telas, e detalhou que o contato com a natureza tem um efeito calmante que ajuda a desenvolver a resiliência, a autonomia e a capacidade de lidar com o estresse, destacando que é responsabilidade dos adultos proporcionar às crianças tais experiências, permitindo-lhes a construção de uma relação de pertencimento com a natureza.

Ao final das narrativas, da mediação e do ato de desenhar, realizou-se uma exposição coletiva da idealização e produção dos desenhos, foi montado um painel com todos os desenhos, organizando-se uma exposição de todas as representações e seus significados. A pedidos, cada

um dos participantes pode ficar com seu desenho, o que para a proposta de trabalho, representou um ato de pertencimento e orgulho de si (Figura 6 A, Figura 6 B).

Figura 6 A: Exposição dos desenhos produzidos durante a oficina de desenho criativo.



Fotografia: Autora 1

Figura 6 B: Detalhe dos desenhos que fizeram parte da exposição.



Fotografia: Autora 1

Construir e atribuir valor a uma identidade coletiva leva tempo, paciência e necessita compromisso, identificar-se enquanto sujeito coletivo é transcender expectativas rasas sobre o

potencial da tradição oral associada ao conhecimento sobre a natureza e a vastidão de seus recursos. Com este trabalho, o ato de brincar de desenhar fomentou o acesso ao potencial pessoal e identitário de cada sujeito, estimulando a curiosidade, a criatividade e explorando particularidades socioculturais dos povos assentados da Mata Atlântica do Território de Identidade Litoral Sul da Bahia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou a potência do brincar e do desenho criativo como estratégias metodológicas capazes de promover a transmissão intergeracional de saberes tradicionais sobre plantas medicinais em contexto rural. A oficina realizada no Assentamento Frei Vantuy demonstrou que práticas lúdicas, quando intencionalmente estruturadas, podem favorecer o diálogo entre crianças e adultos, ressignificando memórias, experiências e conhecimentos vinculados ao autocuidado e à valorização da biodiversidade. A integração entre arte, tradição e território revelou-se um ponto forte da pesquisa, ao possibilitar que as crianças externalizassem suas percepções e aprendizagens por meio de produções visuais, reafirmando sua identidade sociocultural e sua relação com o ambiente.

18

Entre os principais resultados da investigação, destacam-se: a inovação metodológica ao utilizar o desenho como dispositivo pedagógico e analítico; a relevância social ao articular saúde, educação e tradição; e a contribuição para a valorização da infância do campo como sujeito ativo na construção de conhecimentos. Além disso, o estudo reforça a importância da escuta intergeracional e da valorização dos saberes locais como práticas de resistência frente ao processo de digitalização e ao emparedamento da infância.

Todavia, algumas limitações devem ser reconhecidas. O escopo restrito da pesquisa, circunscrito a um único assentamento e a um número reduzido de participantes, limita a generalização dos resultados. A curta duração da oficina não permite avaliar os efeitos de longo prazo sobre a aprendizagem e a continuidade dos saberes tradicionais. Ademais, a ausência de acompanhamento posterior impossibilita verificar se as crianças incorporaram de forma duradoura os conhecimentos mobilizados durante a atividade.

Essas limitações, contudo, abrem possibilidades profícuas para futuras investigações. Por esse motivo, entendemos a necessidade da realização de estudos comparativos em diferentes

comunidades rurais, a implementação de pesquisas longitudinais que acompanhem os impactos das práticas lúdicas ao longo do tempo, e a exploração de outras linguagens artísticas como mediadoras da transmissão de saberes. Nesse contexto, sugere-se a articulação com políticas públicas de educação e saúde, de modo a incorporar metodologias lúdicas e criativas em programas voltados para populações do campo.

A pesquisa reafirma que o brincar, quando concebido como prática cultural e epistemológica, transcende sua dimensão recreativa e assume papel central na produção de conhecimento. Ao mobilizar o desenho criativo como linguagem, o estudo contribui para a valorização dos saberes tradicionais e para a construção de alternativas pedagógicas que reconhecem as crianças como sujeitos de saber, capazes de reinterpretar e recriar práticas de cuidado com a vida em diálogo com suas comunidades e territórios.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Este estudo tem como fonte de fomento a Fundação Oswaldo Cruz, Fiocruz, por meio da Vice-Presidência de Pesquisa e Coleções Biológicas e CNPq (304885/2022-3).

REFERÊNCIAS

19

ARROYO, M. Por um Tratamento Público da Educação do Campo. Por uma Educação do Campo: Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. Articulação Nacional por uma Educação do Campo: Brasília, 2004. 75p.

BADKE, M. R. Significado do uso de plantas em práticas de autoatenção em situações de padecimento. Tese (Doutorado em Ciências) – Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017; 159 f.

BARBOSA, A. M. A imagem no ensino da arte. 9a ed. Editora Perspectiva: São Paulo, 2014. 184p.

BECKER JÚNIOR, Á. L.; KOB, F. F. Diagnóstico da Educação 4.0 em escolas de ensino médio localizadas no Planalto Norte Catarinense. Monografia (Curso de Sistemas de Informação) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Santa Catarina, 2021; 21 p.

BRITO, Â. do C. U.; KISHIMOTO, T. M. A mediação na Educação Infantil: possibilidade de aprendizagem. Educação UFSM, Santa Maria, 2019; 44:1-19. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984644436248>.

BROUGÈRE, G. A criança e a cultura lúdica. Revista da Faculdade de Educação, São Paulo, 1998; 24(2):103-116.

CALDART, R. S. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 2009; 7(1):35-64. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462009000100003>.

CALDART, R. S. Pedagogia do Movimento Sem Terra. Petrópolis: Vozes, 2004. 444p.

CASTRO, M. R. de. A contribuição do uso de plantas medicinais na autonomia dos cuidados com a saúde. ASKLEPION: Informação em Saúde, Rio de Janeiro, 2022; 2(1):160-171. DOI: <https://doi.org/10.21728/asklepion.2022v2n1.p160-171>.

CONTATORE, O. A.; TESSER, C. D.; BARROS, N. F. de. Autocuidado autorreferido: contribuições da Medicina Clássica Chinesa para a Atenção Primária à Saúde. Interface, Botucatu, 2021; 25:e200461. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.200461>.

CONTEI, I. I.; RIBEIRO, M. Escola do campo: relação entre conhecimentos, saberes e Culturas. Educação e Pesquisa, São Paulo, 2017; 43(3):847-862. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201707160785>.

DELGADO, B. B. et al. Contribuições do brincar para o desenvolvimento cognitivo de crianças com dificuldade de aprendizagem. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, São Paulo, 2026; 12(4):1-15.

DIEGUES, A. C. (Org.). Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil. São Paulo: Ministério do Meio Ambiente; USP, 2000. 211p.

GERMANI, A. R. M. Saberes sociais e tradicionais na educação do campo. 1ª ed. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2020. 78p.

HORTÉLIO, L. Brincar uma linguagem de conhecimento. Disponível em: <https://www.acasaredonda.com.br/post/brincar-uma-linguagem-de-conhecimento>

KISHIMOTO, T. M. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2011. 172p.

LEITE, J. O. Sentidos e significados da escola do campo na perspectiva da produção cultural das crianças. Motrivivência, Florianópolis, 2020; 32(63):1-19. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2020e73795>

LÉDA, P. H. Etnobotânica aplicada às plantas medicinais como subsídio para a introdução de espécies nativas do bioma Amazônia no Sistema Único de Saúde de Oriximiná. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade e Biotecnologia da Rede Bionorte, FIOCRUZ, Belém, 2019. 348p.

LOUV, R. A última criança na natureza. Trad. Alyne Azuma, Cláudia Belhassof. 1ª ed. São Paulo: Aquariana, 2016. 400p.

MARTINS FILHO, A. J. Práticas de socialização entre adultos e crianças, e estas entre si, no interior da creche. Pro-Posições, São Paulo, 2008; 19(55):97-114.

MENDIETA, M. da C., et al. Autoatenção em saúde e o uso de plantas medicinais no contexto familiar de escolares. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 2017; 16(2):1-9. DOI: <https://doi.org/10.4025/ciencuccidsaude.v16i2.38143>.

MONTAGNA, V. R. F. Variações do Desenho. *Jornal de Psicanálise*, São Paulo, 2010; 43(79):117-131.

PEREIRA, C. F. G.; BORBA, C dos A. Infância quilombola e saberes ancestrais: memória de cuidado e resistência no quilombo João Surá. *Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar Matinhos*, 2025; 18(1):1-10. DOI: <https://doi.org/10.5380/diver.v18i1.100068>.

PEREIRA, M. L. de O.; SANTO, R. da S. F. dos. Brincar, Investigar E Descobrir: A Natureza como espaço científico na Educação Infantil. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, 2025; 11(11):7551-7565. DOI: <http://doi.org/10.51891/rease.v11i11.22499>.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 256p.

ROJO, R.; MOURA, E. Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. 264p.

SANTOS, B. de S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-71.

SANTOS, F.; CRUZ, M. Brincar na educação infantil: caminhos para a aprendizagem significativa. *Revista Brasileira de Educação Infantil*, 2019; 25(3):112-130.

SILVA, I. J. et al. Cuidado, autocuidado e cuidado de si: uma compreensão paradigmática para o cuidado em enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, São Paulo, 2008; 43(3):697-703. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342009000300028>.

SOUZA, A. L. de; MASCARENHAS, M. S. A.; CARDOSO, B. R. S.; JESUS, R. S. de. Exposição excessiva às telas digitais e suas consequências para o desenvolvimento infantil. *Revista Educação Pública*, Rio de Janeiro, 2023; 23(14). DOI: <https://doi.org/10-18264/REP>

TEIXEIRA, M. do C. C.; MOREIRA, A. R. P. A construção do conhecimento agroecológico a partir da infância. *Cadernos de Agroecologia*, 2019; 15(1):1-4.

TIRIBA, L. Educação Infantil como direito e alegria. 1a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. 390p.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. La memoria biocultural: la importancia ecológica de las sabidurías tradicionales. Barcelona: Icaria Editorial, 2009. 272p.

TRINCHÃO, G. M. C. O papel social do desenho na formação do homem novo oitocentista. *Educar em Revista*, Curitiba, 2019; 35(73):33-48. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.62766>.

VYGOTSKI, L. S.; LURIA, A. R. El instrumento y el signo em el desarrollo del niño. Trad. Pablo del Río e Amelia Alvarez. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizage, 2007. 92p.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 7a edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007. 224p.

WEISS, M. L. L. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica. Porto Alegre: Artes Médicas. 1994. 200p.